

ALFABETIZAÇÃO MUSICAL DE JOVENS E ADULTOS CEGOS - PROJETO ESPERANÇA VIVA

Evandra Bezerra de Medeiros Zanetti

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
evandrazanetti@gmail.com

RESUMO

O objetivo desse artigo é propor maior atenção quanto à alfabetização musical do aluno cego, além de repensar como preparar o terreno até a fase de iniciação à musicografia Braille através de vivências significativas dos elementos de música com práticas pedagógicas que envolvam o canto, movimento, percepção espacial, auditiva, rítmica..., para que os mesmos possam perceber e associar, compreender pela experiência e só mais tarde partir para o simbólico. Autores como Viviane Louro defende de forma clara o quanto necessário se torna essa preparação para chegar até a escrita.

Palavras-Chave: Alfabetização musical. Jovens e adultos cegos.

INTRODUÇÃO

Discutir sobre o ensino e aprendizagem da música para pessoas cegas tem sido um desafio prazeroso para a educação musical. Isso tem concretizado produções bibliográficas sobre essa temática, logo, nos leva a repensar na condução dessa etapa da construção de forma mais cuidadosa.

O Projeto Esperança Viva tem proposta pensada para mediar a aprendizagem musical de alunos cegos ou com baixa visão. Sendo assim o projeto está organizado em três etapas de níveis (iniciante, intermediário e avançado), prática coral com a presença dos três níveis, aulas de individuais de instrumentos, flauta doce e a banda Braille. É um espaço de construção da experiência musical. E para se avançar é preciso e necessário partir do todo para a particularidade. No caso da turma I onde ocorre o processo de alfabetização musical desses alunos. Porém não acontece tão logo, é preciso trilhar um caminho que os levem a compreensão e a assimilação da escrita e leitura musical através da escrita Braille. É um tempo em que acontecem processos e organizações neurológicas que são pré-requisitos para toda e qualquer ação motora e mental. Da estimulação aos aspectos dos elementos de música até a introdução e compreensão à musicografia Braille.

8

As referências aqui encontradas passeiam pela educação musical especial como: Louro (2012), (2006), Lourenço (2010), Diniz (2012), e na educação temos: Freire (1996), Ferreira (2001).

DEFINIÇÃO OBJETIVA DA CEGUEIRA

A deficiência visual poderá apresentar-se como *cegueira*, que é a perda da visão em ambos os olhos, podendo ser oriundo de doenças infecciosas, doenças sistêmicas, traumas oculares e congênitas. A *baixa visão* ocorre quando existe uma grande perda da visão, porém ainda apresenta uma pequena parte preservada. Para Diniz (2012), quando há carência ou diminuição da captação da informação através desse canal sensorial, logo o cego utiliza-se de outros sistemas sensoriais, entre eles o ouvido e o tato ganhando maior importância na vida desses indivíduos.

Por esse motivo, é necessário a estimulação tátil-cinestésica (tato e movimento), auditiva, olfativa e gustativa, para que a aprendizagem possa

ocorrer de forma enfática [...] podendo ter acesso à abstração e assim, construir internamente e poder participar ativamente do mundo ao seu redor. (LOURO, 2006, p. 41-42).

O trabalho de ensino e aprendizagem do jovens/adulto que nunca teve a visão é diferente daquele que a perdeu tempos depois. Faz-se necessário que o mesmo passe a vivenciar de forma concreta ao mesmo tempo em que se dá orientações orais, possibilitando experiências reais, criando condições para desenvolver suas habilidades cognitivas e sensoriais. Buscar proporcionar ao aluno capacidade de relacionar a informação com as experiências prévias, disponibilizar materiais que o levem a motivação, ao aprender. Deve-se estimular o esforço pessoal e a autonomia. É importante lembrar que os alunos com deficiência visual tem percepção parcelada e demorada das coisas ao seu redor, por tanto, exige do professor preparação e sensibilidade nesse processo de aprendizagem.

Louro (2012), atenta para a questão da estimulação, defende que o cego de nascença precisa ser estimulado o quanto antes para que obtenha melhor desenvolvimento psicomotor, pois assim passará sem grandes dificuldades pelo processo de aprendizagem.

9

ALFABETIZAÇÃO MUSICAL DA TURMA I

Um exemplo de alfabetização musical é a turma I do Projeto Esperança Viva, podemos encontrar jovens e adultos, nos quais existem cegos de nascença, aqueles que perderam totalmente a visão na fase adulta, baixa visão após a vida adulta. A mesma passa por outros processos de aprendizagem musical como o ensino de flauta doce, prática coral, aulas de reforço (ensino de música) e Elementos de música. Nesse último, acontece a introdução da leitura e escrita musical tradicional.

O objetivo é proporcionar a iniciação à musicografia Braille, porém não é só chegar falando e mandar fazer. É necessário fazer uma preparação para chegar a escrita e por isso, a estimulação em sala de aula faz-se necessário de forma que os levem a conscientização, percepção, diferenciação de alguns aspectos dos elementos musicais tão necessários a aprendizagem musical.

Se observarmos a estrutura do Projeto, podemos perceber que os alunos envolvidos passam pelo mesmo como um todo. É organizado por módulos divididos

em três níveis: módulo I (iniciante), módulo II (intermediário) e módulo III (avançado). Todos fazem aulas de flauta doce e musicografia Braille de acordo com seus respectivos níveis e todos participam do coral. A Banda Braille e aulas individuais de instrumentos acrescentam e enriquecem a vivência musical. Ao mesmo tempo em que participam do todo (projeto), logo vemos que saem desse todo para uma parte que são seus respectivos níveis. Para que tudo isso ocorra no ambiente musical do projeto, toda a ação motora ou mental,

Precisa de estruturas cognitivas para que seja compreendida e executadas; tais estruturas só se desenvolvem quando adequadamente estimuladas e vivenciadas. A música requisita as funções cognitivas, perceptivas e executivas [...], o melhor a fazer é potencializar a capacidade de aprendizagem do aluno (LOURO, 2012, p.110).

Dessa forma, a ideia do módulo I é a de passear por experiências que anteciparam a compreensão de diversos conceitos à escrita musical, passando pelo processo de aquisição do conhecimento com mais significado. As experiências pessoais também devem ser consideradas, tendo em vista de que todas as pessoas levam consigo fatos, histórias, medos... carregados de muitas emoções e conhecimentos musicais. Nessa fase da aprendizagem que se constrói a compreensão para diversos conceitos musicais, como ritmo, melodia, alturas, pulsação, fraseado, senso estético, por exemplo, são as atividades pedagógicas aliadas nesse processo que agregadas ao canto, movimento, jogos, vai-se desenvolvendo a aprendizagem musical.

O melhor é potencializar a capacidade de aprendizagem do aluno; só depois é que se deve propor o conteúdo desejado. Em termos mais simples, podemos dizer que o aluno precisa aprender a aprender. [...] O cérebro administra – e muito bem – suas competências. Mas aprender a aprender não é coisa fácil de se ensinar a ele. (LOURO, 2012, p. 110).

Ao chegar no processo da notação musical baseada na escrita braille, alguns conceitos já estarão assimilados tornando essa nova etapa algo mais significativo. Nesse pensamento acontece a alfabetização musical, pois cria condições para que o adulto cego tenha acesso a esse mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita musical e

aumentando a experiência para que possa passear com autonomia nos diferentes textos da notação musical (musicografia).

Nessa perspectiva de alfabetização, FREIRE, 1996, diz que; “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado”.

Sob a luz dessa afirmação, para FERREIRO, 2001, a aprendizagem acontece em um sistema de concepções previamente elaboradas onde não se apresenta como um produto, mas faz parte do cultural, do resultado do esforço coletivo da humanidade para cumprir suas diversas funções, como objeto com propriedades específicas e como suporte de ações e intercâmbios sociais.

O Projeto Esperança Viva se mostra importante campo no desenvolvimento da Educação Musical Especial de forma sistemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

11

O projeto Esperança Viva proporciona uma trajetória musical aos alunos com deficiência visual. Eles são participantes ativos e almejam alçar voos cada vez mais altos dentro da aprendizagem musical.

O módulo I caminha com esperanças, expectativas e sonhos de que é possível fazer música e refletir sobre todo seu processo na construção desse conhecimento. Nesse momento ocorre um crescimento musical, pois há um cuidado em fazer acontecer, mas com atenção ao indivíduo, com zelo e sobretudo, com muito desejo.

O tempo que antecede a alfabetização – escrita e leitura musical baseada na escrita Braille - torna-se fator essencial para a assimilação dos elementos da música. E que esse tempo seja realizado para estimular, avivar e experienciar o que já está dentro de cada um de nós, mas que por motivos individuais muitas vezes estão bloqueados ou adormecidos, logo podemos afirmar que a aprendizagem musical é inerente ao ser humano.

REFERÊNCIAS

DINIZ, Margareth. **Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidade específicas: avanços e desafios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOURENÇO, Érika. **Conceitos e práticas para refletir sobre a educação inclusiva**. Minas Gerais: Autêntica, 2010.

LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. 1.ed. São Paulo: Som, 2012.

_____. **Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas**. São Paulo: Ed. Do Autor, 2006.